

## QUADRINHOS NA SALA DE AULA: DIMENSÕES SIMBÓLICAS E RESSIGNIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Keliene Christina da Silva

*Professora da Educação Básica SEDEC/PMJP; Licenciada e Mestre em História pela UFPB; Graduanda em Letras IFPB.*

**Resumo:** O trabalho em sala de aula precisa sempre passar por reflexões, ser repensado de forma a se tornar mais eficiente e prazeroso. A escola é um ambiente vivo, não é um espaço isolado e imune às influências externas, ela é a própria sociedade, pois é lá onde se reforçam valores e se confrontam e ressignificam posicionamentos e posturas diante do mundo. Os professores trabalham todos os dias diante de um duplo desafio: tornar suas aulas mais atrativas e engajar o máximo de alunos nas mesmas, e ao mesmo tempo não perder o foco sobre os conteúdos curriculares básicos para que os alunos possam adquirir as competências necessárias na disciplina ministrada. Considerando-se os debates sobre as novas abordagens e o uso de outras linguagens no ensino de história, o presente estudo objetiva analisar a utilização das histórias em quadrinhos nas aulas de história, com foco na produção do aluno através dos elementos de significação da referida linguagem, na confecção de quadrinhos por parte deles a partir de temas escolhidos nas aulas. O trabalho é fruto de um projeto que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2009 em uma escola pública de ensino fundamental da rede municipal de João Pessoa, o mesmo encontra-se ainda atuante até o presente momento, 2017. Para tanto, nos apoiamos nos pressupostos pedagógicos da educação dialógica, de Paulo Freire, e na pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani. Desse modo, observamos que as histórias em quadrinhos se constituem numa ferramenta extremamente rica, que pode contribuir de forma significativa na conversão, e reconhecimento, do aluno como protagonista do seu conhecimento.

**Palavras-chave:** Novas linguagens, histórias em quadrinhos, ensino de história.

### INTRODUÇÃO

As raízes deixadas pela educação tradicional no ensino de história contribuíram para que ao mesmo fossem atribuídas características como chato, enfadonho, decorativo, entre outras. Da mesma maneira, a concentração das atenções sobre datas e eventos, afastava o conhecimento histórico da realidade dos educandos, como se a história acontecesse longe deles, à parte. A história era sempre a do outro, perdida em um passado indefinido e longínquo, a noção de pertencimento à história era ignorada. Havia um desconhecimento sobre o próprio processo de produção do conhecimento histórico, o conteúdo do livro era aceito como absoluta verdade universal, impossível de ser questionada.

A escola dos *Annales* possibilitou a abordagem de novas fontes e uma reformulação da escrita da história, na trilha das propostas de Marc Bloch, tudo que indicasse ação humana passou a ser preocupação da história. Essa renovação deu margem para debates no que diz respeito ao ensino, uma vez que a produção do conhecimento

histórico presta-se de forma significativa ao *labor* docente. Tivemos a partir de então, o ingresso das novas linguagens no ensino de história, dentre elas as imagens, que, a nosso ver, se constituem como um veículo muito produtivo, colaborando com o estímulo aos alunos no tratamento e assimilação dos temas presentes na proposta curricular. Como afirma Martine Joly (2005, p.9), “vivemos em uma ‘civilização da imagem’”, somos inundados por elas o tempo inteiro, seja através da TV, de computadores, *outdoors*, enfim, nos mais variados espaços lá estão elas nos seduzindo, ora impondo-nos significados, ora servindo-nos para a construção deles.

O presente estudo debruça-se sobre uma linguagem visual específica: as histórias em quadrinhos. Observando o crescimento da presença delas em livros didáticos, assim como o aumento de estudos acadêmicos sobre suas potencialidades para a sala de aula, as consideramos como um meio de produção para que o aluno atue como agente na construção do seu conhecimento. Entendemos as histórias em quadrinhos como um produto cultural e, enquanto tal, transmissor de significados próprios do tempo, realidade e cultura de quem os produz. Dessa maneira, acreditamos que o estímulo à produção de histórias em quadrinhos na sala de aula, possibilita aos alunos uma ressignificação dos conteúdos abordados a partir da sua própria realidade, eles têm a possibilidade de se apropriarem do fazer historiográfico, reforçando assim sua noção de pertencimento à história e de construtores de conhecimento histórico.

O presente estudo se originou a partir do projeto “Narrativas visuais: produção de histórias em quadrinhos na sala de aula”, desenvolvido pela professora Keliene Christina da Silva desde o ano de 2009 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Leônidas Santiago. O mesmo se apoia no estímulo à produção de conhecimento histórico por parte dos alunos, através da utilização das ferramentas de comunicação presentes na linguagem das histórias em quadrinhos. Partindo dos conteúdos curriculares, os alunos são orientados a aprofundarem seus conhecimentos através da pesquisa na busca da confrontação de informações, e posterior confecção dos quadrinhos referentes aos temas propostos.

Tomando como base o princípio dos usos dos artefatos culturais (CERTEAU, 2014, p. 90) e das táticas usadas pelos seus consumidores sobre as estratégias que o mercado de massa lhes lança (CERTEAU, 2014, p. 94), acreditamos que podemos caracterizar o uso da referida linguagem em sala de aula como uma tática dos alunos para se apropriarem dos procedimentos de produção de um conhecimento histórico, a

partir de uma linguagem que lhes é próxima. Dessa maneira, ao usarmos os quadrinhos na sala de aula, trabalhamos diante dos seguintes questionamentos: em que medida essa apropriação dos instrumentos de significação das histórias em quadrinhos contribuem no processo de aprendizagem dos alunos? Como a utilização dessa linguagem permite a valorização da produção cultural e intelectual deles?

Recentemente, temos observado um crescente número de pesquisas acadêmicas sobre histórias em quadrinhos, nas mais diversas áreas do conhecimento. Outrora tidas como nocivas aos alunos, acusadas de causar preguiça mental e levar à delinquência, hoje elas entram pela porta da frente nas escolas, tanto nas listas do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) quanto nos livros didáticos.

Porém, apesar dos esforços que existem em apresentá-las como instrumentos pedagógicos, certos equívocos ainda são cometidos na abordagem dessa fonte. Um deles é conceituar quadrinhos como literatura, o que não são. Segundo Paulo Ramos, caracterizar os quadrinhos como literatura é buscar “rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados (caso da literatura, inclusive a infantil), como argumento para justificar os quadrinhos, historicamente vistos de maneira pejorativa” (RAMOS, 2009, p. 17). Portanto, os quadrinhos são uma linguagem autônoma, possuem seu próprio instrumental linguístico. “Ele não é literatura, não é pintura nem é desenho, é sim uma junção de várias expressões artísticas, mas que formam uma que se diferencia das demais, chamada nona arte” (PAIVA, 2013, p. 9). Embora apresentem instrumentais das manifestações já citadas, elas, em conjunto, formam outra composição, portando, um novo jogo de significação.

Entendendo os quadrinhos enquanto representações nos moldes propostos por Roger Chartier, qual seja: “as representações do mundo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam” (CHARTIER, 1990, p.17), consideramos os mesmos portadores de discursos carregados de intencionalidades dos grupos onde são produzidos. Portanto, como consumidores de histórias em quadrinhos, os alunos assimilam esses valores que elas difundem, dialogam com eles, seja no que se aproxima da sua realidade ou no que se distancia dela. “As HQs são hoje uma reprodução social que não se furta a grandes debates” (PAIVA, 2013, p. 11).

Aproximando-nos das propostas de Certeau, no que se refere às estratégias e táticas (2014, p.93-95), entendemos o mercado editorial de quadrinhos, e

as ideias que se procuram veicular através da referida linguagem, como uma estratégia de mercado para incutir nos consumidores valores simbólicos direcionados. Dessa maneira, ao se apropriar dos instrumentos significantes que compõem as histórias em quadrinhos, o aluno exerce a prática de uma tática, apropriando-se do instrumental metodológico fornecido pela estratégia, eles reproduzem, a partir do seu próprio universo, conceitos e abordagens carregados daquilo que lhes é mais significativo. Segundo o autor, “a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é determinada pelo postulado de um poder” (CERTEAU, 2014, p. 95). Isso corrobora nossa perspectiva de análise da produção do aluno enquanto tática, longe das regras do mercado existe a possibilidade de liberdade criativa, de usar o cabedal técnico oferecido por um sistema maior para criar suas próprias representações.

Outro caminho sobre o qual nos apoiamos, são as reflexões de Canclini acerca das hibridações, ou melhor, dos processos de hibridação, como o próprio autor afirma. Canclini (2013, p.336) apresenta os quadrinhos entre os “gêneros constitucionalmente híbridos”, sendo estes: “Lugares de intersecção entre o visual e o literário, o culto e o popular, aproximam o artesanal da produção industrial e da circulação massiva” (CANCLINI, 2013, 336). As histórias em quadrinhos, enquanto produtos de um mercado maior disseminam valores e saberes próprios das culturas onde se originam. Além disso:

(...) as histórias em quadrinhos, ao gerar novas ordens e técnicas narrativas, mediante a combinação original de tempo e imagens em um relato de quadros descontínuos, contribuíram para mostrar a potencialidade visual da escrita e o dramatismo que pode ser condensado em imagens estáticas. (CANCLINI, 2013, p.339)

Essa miscelânea de linguagens que são as histórias em quadrinhos permite o desenvolvimento das habilidades criativas, assim como a expressão do universo simbólico dos alunos. Voltando a Certeau, temos a afirmação de que “o ato de falar é um uso da língua e uma *operação* sobre ela” (CERTEAU, 2014, p.91), da mesma maneira, a produção de histórias em quadrinhos por estudantes é uma operação que se faz sobre a referida linguagem, a qual, no presente projeto nos interessa de forma significativa seus “contextos de uso” (CERTEAU, 2014, p.90) e os significados que essas produções transmitem.

## **METODOLOGIA**

Os pressupostos metodológicos que orientam o projeto “Narrativas Visuais” apoiam-se sobre dois pilares da área da Educação: Paulo Freire e Demerval Saviani.

Do pensamento freiriano, adotamos a abordagem da educação dialógica. Levando em consideração que a educação “não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A *com* B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2015, p. 116), buscamos abordar os temas de forma a estabelecer o diálogo e compartilhamento de saberes entre todas as pessoas envolvidas na sala de aula. A intenção é superar a dicotomia docente-discente, considerando antes de tudo a visão de mundo dos(as) alunos(as) envolvidos(as) na atividade.

Segundo Racière: “Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só” (p. 19-20). Portanto, estimular o diálogo, no lugar da explicação, oferecerá um ambiente mais propício para que os(as) alunos(as) exponham suas percepções sobre os temas abordados e forma autônoma.

No sentido de enriquecer ainda mais nossa prática, e experiência compartilhada, adotamos também a pedagogia histórico-crítica de Saviani. Levando em conta as seguintes considerações do autor sobre as implicações de tal abordagem:

- a) Identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações, bem como as tendências atuais de transformação.
- b) Conversão do saber objetivo em saber escolar, de modo que se torne assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares.
- c) Provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas aprendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação (SAVIANI, 2013, p. 8-9).

Buscamos desenvolver os temas relacionados à história na perspectiva destas três propostas. No que diz respeito à primeira implicação, tratamos do contato inicial do aluno com a problemática em questão, no caso os conteúdos curriculares

de história. No segundo aspecto dá-se a partir do diálogo sobre o mesmo, a confrontação de pesquisas no sentido de tornar o fazer historiográfico, enquanto construção, uma realidade mais próxima dos educandos. E por último, ao reproduzir em quadrinhos os conteúdos trabalhados, os alunos, ao mesmo tempo, apreendem os saberes assim como os meios de produção que agem sobre eles.

Nesse sentido, o que mais nos interessa é o processo de apreensão e ressignificação dos conteúdos, de forma que o aluno se compreenda como um agente atuante do seu próprio conhecimento, e não como passivo, e, assim, ressignifique também seu papel como estudante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através dos oito anos e meio de aplicação do projeto, pois o mesmo ainda segue sendo utilizado no presente ano (2017), observamos uma significativa evolução dos alunos em sua participação nas aulas. Ao longo deste período, os mais variados temas foram aplicados, como por exemplo: Persas, Hebreus, Tráfico de Escravos, Cangaço, Revolução Francesa, Inconfidência Mineira, entre outros. Porém, neste trabalho nos limitaremos a apresentar dois exemplos para apresentar alguns resultados dessa presença da linguagem dos quadrinhos em sala de aula: Hebreus, desenvolvido logo nos anos iniciais do projeto, em 2010, e Cangaço, realizado no ano de 2014. A distância entre os anos das produções é para demonstrar a mudança nos resultados com o decorrer do tempo.

O primeiro trabalho foi aplicado às turmas de sexto ano do ensino fundamental, a escolha do tema deu-se por três motivos: em primeiro lugar, levou-se em consideração o fato de que muitos alunos já conhecem de certa maneira o assunto, por informações adquiridas nas aulas de catecismo ou na escolinha dominical; em segundo lugar, consideramos a grande quantidade de material de referência disponível na *internet*, de maneira que facilitaria a pesquisa dos alunos ao oferecer ampla diversidade; e, em terceiro lugar, geralmente os alunos do sétimo ano apresentavam uma grande dificuldade em entender a formação das religiões monoteístas, portanto, essa experiência também serviria como base para o ano seguinte.

O primeiro momento deu-se através de uma exposição oral do conteúdo, porém, fugindo à forma tradicional em que o professor fala e os alunos escutam. A exposição foi feita de forma dialogada, buscando tanto sondar o nível de intimidade

dos alunos com o assunto em questão, quanto direcionar as pesquisas no intuito do produto final, a confecção da história em quadrinhos.

Feito isso, o segundo passo foi levá-los em grupos de três componentes para a sala de informática, para que identificassem todo o material necessário para a construção da história em quadrinhos, para tal, foi seguido um roteiro elaborado anteriormente na sala de aula em conjunto com os alunos.



**Figura 1: Representação da passagem bíblica sobre a morte dos primogênitos.**

O próximo passo foi reunir referências visuais, obtidas através da exibição da animação **O Príncipe do Egito**, produzida pelos estúdios **Dream Works** em 1998. Em seguida, na sala de aula, foram feitas as comparações entre o material pesquisado e as referências obtidas através da animação. Logo depois, foi realizada uma revisão sobre a linguagem dos quadrinhos e os grupos partiram para a confecção dos mesmos. Foi solicitado que eles escolhessem apenas algumas passagens da história, pois não haveria como resumir toda a história dos hebreus no trabalho em questão. O mais interessante, é que vistos em conjunto todos os trabalhos, observamos que eles compõem uma sequência dos conteúdos vistos, algo que não foi feito de forma pré-estabelecida, pois os

alunos tiveram a liberdade de escolher a passagem que desejassem para compor sua história em quadrinhos.

O segundo trabalho foi aplicado no ano de 2014 às turmas do nono ano do ensino fundamental. Nesse caso, o interesse pelo tema Cangaço partiu dos próprios alunos que, acostumados à prática da produção de quadrinhos já aplicada em anos anteriores, sugeriram o mesmo alegando grande interesse e familiaridade com o mesmo, haja vista que diz respeito à região nordeste, evocando assim fortes marcas de identidade cultural e necessidade de representatividade.

Após a escolha do tema, os alunos deram início à uma investigação sobre o tema, pesquisando na *internet* eles descobriram muitos vídeos, textos e imagens. Os resultados das pesquisas foram compartilhados na sala de aula, de forma a estimular o intercâmbio de informações. Após isso, eles iniciaram a confecção dos quadrinhos.

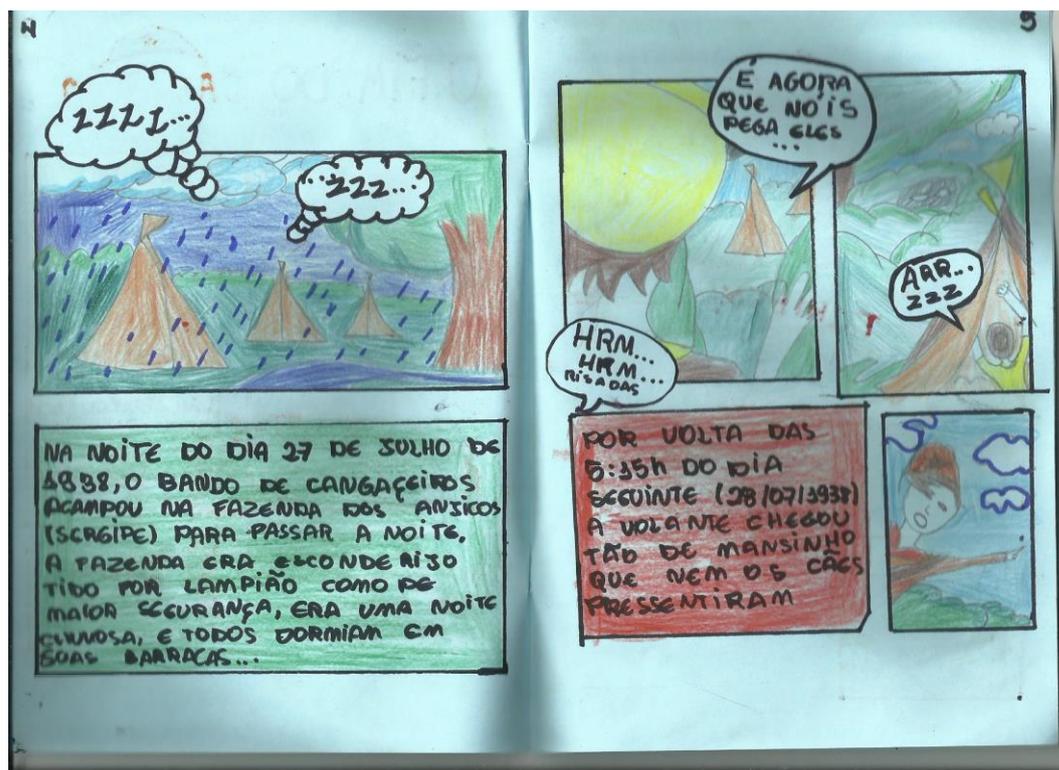


Figura 2: História em quadrinhos sobre a morte de Lampião, produzida por um aluno do nono ano do ensino fundamental.

Uma curiosidade sobre a experiência com esse tema diz respeito ao enfoque que os alunos escolheram. Assim como no trabalho anterior, foi dada total liberdade para que os alunos escolhessem qual aspecto do Cangaço eles abordariam. Ao final dos trabalhos, percebemos que os meninos, em sua grande maioria, escolheram o cerco a Lampião, ou outros feitos do bando em que as cenas de ação puderam ser exploradas largamente. Por outro lado, a maioria das meninas escolheu falar das história de amor de Lampião e Maria Bonita.

Verificamos uma grande evolução de um trabalho para o outro, tanto na quantidade como na qualidade. No primeiro, devido ao fato de serem contatos iniciais com tal tipo de atividade escolar, os alunos produziam apenas uma ou duas páginas de história. Os desenhos são mais “enxutos” pois ainda estavam se familiarizando com propostas diferenciadas. Hoje, os trabalhos tem mais o perfil do que foi apresentado na Figura 2, tem no mínimo três páginas, existem os que usam mais pois não é dado limite máximo. No exemplo apresentado, observamos duas páginas de uma sequência de cinco no trabalho original. Nelas percebemos o uso dos elementos próprios da linguagem dos quadrinhos, pois percebe-se o desenvolvimento de uma cena narrativa, o uso de onomatopeias, das caixas de diálogo, que, neste caso, exercem a função do narrador. O aluno fez uma pesquisa dos dados históricos na composição do seu quadrinho, como a data do cerco a Lampião, assim como o uso da expressão volante, que se refere ao grupo que caçava cangaceiro.

O crescimento qualitativo dos alunos percebe-se não apenas na estrutura dos trabalhos, como também na sua postura em sala de aula, pois enquanto o primeiro foi uma proposta da professora, o segundo partiu do interesse deles. Isso reforça nossa reflexão inicial no sentido de que os quadrinhos se constituem como um rico instrumento para que o aluno atue como protagonista do seu conhecimento.

## **CONCLUSÕES**

O uso das histórias em quadrinhos na sala de aula é uma realidade que vem se apresentando cada vez com mais frequência, a ideia de que tal linguagem nada tem a oferecer além de entretenimento é equivocada e ultrapassada. O ingresso dos quadrinhos nas escolas abre um amplo leque de possibilidades aos profissionais da educação.

Interessados em diversificar suas aulas, a procura por abordagens que utilizem quadrinhos tem aumentado, e, junto com a procura, as dúvidas sobre como utilizá-las com eficiência e de forma interessante para os alunos.

Diante dessa realidade, faz-se necessário esclarecer alguns pontos em relação ao uso dessa linguagem na prática docente. Primeiro, os quadrinhos não devem ser vistos como leituras “tampão”, como algo a se fazer na sala nos momentos de ócio após a conclusão de uma tarefa. Eles também não podem ser vistos como uma atividade menor, é preciso tratá-los com a seriedade que uma atividade escolar pede. E, por último, antes de começar qualquer trabalho com quadrinhos o professor precisa alfabetizar-se nessa linguagem, e isso se faz lendo quadrinhos.

As histórias em quadrinhos são uma linguagem rica, apresentam infinitas possibilidades em sala de aula. Sejam trabalhadas sozinhas ou aliadas à outras linguagens, seja na parte interpretativa ou, como aqui apresentado, no estímulo à produção do aluno, elas constituem um instrumento forte na construção de um caminho no qual o aluno tome posse do brilho que lhe cabe no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2013.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papius, 2005.

PAIVA, Fábio da Silva. As Histórias em Quadrinhos e a Educação. In: MODENESI, Thiago Vasconcellos; PAIVA, Fábio da Silva (Orgs.). **Quadrinhos e educação em cinco pontos de vista**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RACIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SOUZA, Licia Soares de. **Introdução às teorias semióticas**. Petrópolis: Vozes, 2006.